



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CÁSSIA ALVES DIAS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Cássia Alves Dias

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora (por skype)

Data da entrevista: 29/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 19 páginas

Número da entrevista: E-746

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Copa Libertadores da América; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 29 de abril de 2014. Entrevista com Cássia Alves Dias a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

C.D. – Sim.

I.M. – Qual foi?

C.D. – Futebol.

I.M. – Como foi esta experiência para você?

C.D. – Ah, foi muito boa. Eu joguei na época de 1983 a 1986, eu joguei futebol no Atlético Mineiro¹. A minha experiência na área esportiva vem como atleta e depois também eu fui técnica de futebol de salão.

I.M. - No Atlético também?

C.D. – Não. Isso aí foi em outro time. Foi no Frigoarnaldo e na equipe do Meritus², de Contagem.

I.M. - Você chegou a jogar futebol na escola, na Educação Física escolar também?

C.D. – Não, na escola eu jogava era handebol, eu jogava mais era handebol.

I.M. - E o seu início no futebol, como foi, onde você começou a jogar?

¹ Clube Atlético Mineiro, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

² Equipes amadoras de futsal feminino.

C.D. - Eu comecei...tinha uma galera do grupo de jovens, aí as meninas juntaram e fizeram um time para a gente brincar no final de semana, no domingo. Aí todas as pessoas do grupo de jovens participavam, não só as que jogavam, as outras pessoas também, iam nos jogos com a gente e participavam. Era tipo um lazer no final de semana.

I.M. – O que te levou a arbitragem no futebol?

C.D. – Então, depois que acabou o Atlético eu joguei em outras equipes, joguei no São Paulo³, no Osasco⁴, no Grêmio de Itaúna⁵, joguei num time de Brasília, joguei futebol de salão, não é? Também em São Paulo. E quando foi em 1996, no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, quando voltei, eu encontrei com o Agnel⁶, que na época era o diretor do amador, não é? Aí eu fui em um jogo e ele estava lá, o Agnel estava lá, a gente estava brincando e eu estava apitando esse jogo de brincadeira. Aí ele me viu apitando, viu que eu estava lá e perguntou se eu não queria fazer o curso de arbitragem. Então assim foi um convite dele, aí eu interessei e, em 1996 eu fiz o curso em seguida já comecei a trabalhar com ele no futebol amador.

I.M. – Quando você começou a arbitrar?

C.D. – 1996. Eu fiz o curso de janeiro a junho, não é? Aí quando eu formei já comecei a apitar jogos já, de amador, de categorias de base do amador.

I.M. – Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

C.D. - Foi nos jogos da ASSPROM⁷. ASSPROM é da prefeitura de Belo Horizonte, é um torneio de meninos que trabalham...adolescentes abaixo de 18 anos, não é? que trabalham na prefeitura. Aí eles fizeram esse...ASSPROM chama ASSPROM o campeonato, e eu iniciei nesse torneio da ASSPROM.

³ São Paulo Futebol Clube.

⁴ Osasco Futebol Clube.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Agnel Faria Mozer.

⁷ Associação Profissionalizante Do Menor, em Belo Horizonte.

I.M. – Em qual Federação que você iniciou?

C.D. – Federação Mineira de Futebol.

I.M. – Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

C.D. – Foi fácil, não é? Para começar a atuar e tanto para eu pegar assim foi fácil, até por eu já ter jogado futebol então aí, eu achei muito fácil assim. Eu não assustei assim com algumas situações, entendeu? Eu não ficava nervosa diante de um jogo assim, foi bem tranquilo, para eu começar assim foi bem tranquilo.

I.M. – Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem, que curso você fez?

C.D. – Na época o curso era teórico, não é? Essa parte toda era teórica. Era duas vezes na semana, não é? Tinha um livro básico com as regras e com exercícios, não é? A gente estudava, o Juarez⁸ ensinava para a gente as regras, a gente estudava, fazia os exercícios até terminar as regras, todas elas. Aí quando terminou, houve uma prova que você tinha que ter 80%, mais de 80% se eu não me engano, para ser aprovado. Nessa época era só assim o curso, era mais teórico mesmo, não tinha muitos módulos, assim atividade física, não tinha muito essas coisas que tem hoje não. Era só isso mesmo, era estudo, uma parte teórica e a prova mesmo.

I.M. – Esse curso foi em Belo Horizonte?

C.D. – Foi. Na Federação Mineira de Futebol.

I.M. - Quando você iniciou Cássia, como era visto a situação da mulher na arbitragem no futebol?

C.D. – Ah, era isso o que, 1996, era visto com muito preconceito ainda, não é? Não era igual é hoje, não é? Tinha muito preconceito, às vezes as pessoas faziam alguns

⁸ Instrutor de arbitragem na Federação Mineira de Futebol.

comentários, não é? Que a gente não era capaz, aquele negócio todo e a Federação⁹ também te “segurava” na época, tinha medo de colocar e dar problema, de os clubes não aceitarem. Então, assim foi bem difícil essa parte de você estar em campo, das pessoas, dos homens, diretoria e dos torcedores aceitarem. Foi bem difícil.

I.M. - O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

C.D. – Ah, motivação foi mais o gostar mesmo, o prazer de estar dentro do futebol, não é? De estar dentro do futebol e ver como que era, sabe? Ver como é que era o lado profissional da arbitragem.

I.M. - Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

C.D. - No profissional sim. No profissional igual eu estou te falando, para apitar...eu apitei muitos anos no amador com o Agnel e não era escalada em jogos da Federação como árbitra central, era sempre como bandeira. Na época era o Osmar Camilo¹⁰ que era o presidente da comissão, diretor, aliás, diretor de arbitragem. Então é aquilo que eu te falei, ele tinha muito medo, eu não sei se era medo ou se era alguma outra coisa, dos times não gostarem, pelo menos ele falava isso para a gente, não é? Que os times não queriam que escalasse mulheres árbitras centrais e tal, que a gente tinha que ser bandeira e tal. Mas nessa época eu já tinha passado pelo futebol amador, já tinha atuado em jogos muito mais difíceis do que profissional, porque eu acho o amador muito mais difícil.

I.M. - Nessa época então podia atuar como árbitra central e como assistente?

C.D. - Isso, podia.

I.M. - Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

⁹ Federação Mineira de Futebol.

¹⁰ Osmar Camilo da Silva.

C.D. - No profissional foi como árbitra central. Em 1998, na verdade em 1998, eu fiz o teste físico para CBF¹¹, já em 1998. E quando eu fiz, eu fiz para ser árbitra central. Só que apesar de ser árbitra central na CBF, a Federação sempre me escalava como assistente. E depois de algumas coisas que ocorreram que eu passei a ser árbitra central na Federação Mineira.

I.M. - Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF, ASP-FIFA, FIFA¹² ou Federação Estadual)?

C.D. - Eu fiz jogos do Campeonato Mineiro, todas as categorias menos a série A. A série A do Campeonato Mineiro eu atuei só como árbitra reserva¹³. Eu atuei na 2ª divisão, na 3ª como árbitra central. Na CBF eu atuei na série A¹⁴ como árbitra reserva e atuei como árbitra central na B, na C e na D também.

I.M. - Você atou então pela CBF e pela Federação Mineira, não é?

C.D. - Isso. Eu cheguei a fazer o teste, eu não lembro em que ano que foi, eu acho que foi em 2006, 2007, eu não me lembro. Eu cheguei a ser indicada para FIFA e fui fazer o teste no Rio de Janeiro, fui fazer o teste e fui aprovada no teste. Só que não houve vaga neste ano para entrar para o quadro.

I.M. - Você chegou a ser Aspirante FIFA?

C.D. - Sim. Isso, cheguei.

I.M. - Qual foi o período em que você arbitrou?

C.D. - Foi de 1996 a 2008.

I.M. - O que te fez permanecer como árbitra de futebol?

¹¹ Confederação Brasileira de Futebol.

¹² Federação Internacional de Futebol.

¹³ Atualmente chamado de 4º árbitro.

¹⁴ Campeonato Brasileiro séries A, B, C e D.

C.D. - Permanecer? Eu acho que mais à vontade mesmo. Porque a gente tinha muito poucas chances, não é? Muitas poucas oportunidades, então a insistência mesmo da gente, de conseguir, de alcançar uma coisa que a gente lutava para conseguir, não é? Eu acho que foi mais isso, a persistência mesmo.

I.M. - Quais as principais dificuldades que você enfrentou/enfrenta na arbitragem?

C.D. - A dificuldade foi falta de reconhecimento da direção da Federação, mesmo. De tipo assim, de ver, por exemplo de ser mulher ou ser um homem, de ver apenas como árbitro, de não ver uma mulher e diferenciar, entendeu? Ser um homem ou de ser uma mulher, é a capacidade, a parte técnica e a parte física, no caso. Isso que foi o mais difícil. Demonstrar para todo mundo, você tinha que matar um leão todo dia, tinha que provar todo dia, todo jogo, todo dia, em treino e tudo que você tinha condição de ser escalada nos jogos profissionais.

I.M. - Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

C.D. - Ah, só de apoio. Sempre apoiando, sempre me dando muito apoio, toda a minha família.

I.M. - Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

C.D. - Então na CBF atuei em todas as categorias profissionais, não é? Na série A como árbitra reserva, série B apitando, árbitra central, série C, árbitra central, série D, árbitra central. No futebol feminino, Taça Brasil, árbitra central.

I.M. - Você chegou a atuar na Copa do Brasil?

C.D. - Não, Copa do Brasil, não. Só como árbitra reserva.

I.M. - Por quais federações e ligas arbitrou?

C.D. - Eu comecei no amador da Federação Mineira. Fiz jogos profissionais pela Federação Mineira, pela CBF. E fiz alguns jogos do amador pela liga de Betim e fiz várias finais de campeonato em várias ligas, em Viçosa, em Ubá, em várias cidades, Barbacena, muitas cidades¹⁵ que eu fiz finais. Deixa eu ver se eu lembro mais alguma? Pará de Minas, fiz várias vezes a final do futebol deles lá também, várias ligas assim de interior, Moeda também, já fiz finais lá.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

C.D. - Oh, quem me segurou mesmo na arbitragem assim, que me deu muita força porque tinha uma hora em que eu ia desistir assim foi o Agnel, que além de ser diretor na época, ela era muito meu amigo, a gente amizade até hoje. Então foi uma pessoa assim que me deu muita força mesmo. E oportunidade mesmo que eu tive na Federação foi...quando eu consegui mostrar meu valor mesmo, infelizmente foi quando um árbitro que estava escalado, um árbitro que estava escalado para um jogo, um acho que da série B, na época, Ipatinga e Vila Nova, ele teve uma contusão e aí eu que tive que fazer o jogo. Foi aí que eu consegui fazer um jogo, um jogo da CBF e que eu consegui mostrar para o meu diretor de arbitragem que na época era o Lincoln¹⁶, que eu tinha a capacidade de conduzir uma partida, não é? Como árbitra central. Que graças a Deus no jogo foi tudo bem e que eu comecei a ter mais oportunidades na arbitragem mineira. Eu estreei primeiro na CBF como árbitra central do que na Federação.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para a consolidação da sua carreira? Por quê?

C.D. - Eu acho que as boas arbitragens que eu fiz, não é? Igual eu te falei, a partir desse jogo aí, ele já começou a me dar mais oportunidades como árbitra central. Foi dessa época aí que já começou a ter chance, a CBF também já começou a me escalar nos jogos da série B, série C, aí que começou tudo a dar uma andada nessa época.

I.M. - Você teve algum(a) árbitro(a) como referência para sua atuação?

¹⁵ Todas as cidades citadas são do interior de Minas Gerais.

¹⁶ Lincon Afonso Bicalho.

C.D. - Não, não tive não.

I.M. - Nenhum modelo, nenhuma pessoa em que você se inspirava não?

C.D. - Não, no modo de atuar não. Eu gostava muito de ver o Paulo, de São Paulo, o Paulo Cesar de Oliveira, eu gostava muito de ver ele apitar, mas não assim, não copiava, entendeu, assim o jeito dele, mas gostava muito, achava um grande árbitro.

I.M. - Por que você achava ele um grande árbitro?

C.D. - Ah, porque era um árbitro muito regular, era um árbitro que nos jogos dele do primeiro minuto até ao final era regular, não tinha reclamação, os dois times saíam satisfeitos, entendeu? Não tinha muitos erros assim, por isso eu achava ele um árbitro muito regular, muito bom.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

C.D. - Há momentos em que a gente sente um pouco de dificuldade, não é? Mais por causa do causa do sábado e domingo que a gente. Apesar de na semana toda a gente ter que dedicar na física e tudo, a gente ficava fora de casa praticamente o final de semana todo. Bem longe, não é? Uberlândia, que a gente tinha que sair no sábado, dormir lá e voltar só depois do jogo, ou senão na própria segunda-feira, não é? Então foi uma época assim de muita dedicação, mas que eu não me arrependo de nada não. Eu acho que foi uma época muito boa que eu não me arrependo não, de ter dedicado, de ter acontecido tudo da maneira que foi.

I.M. - Essas viagens, na época havia jogos no meio de semana e final de semana ou somente nos finais de semana?

C.D. - Eram mais nos finais de semana.

I.M. - Qual (is) episódio (s) marcou (aram) a sua carreira na arbitragem até o momento?

C.D. - Oh, esse que eu já te falei, que eu comentei com você que o árbitro teve uma contusão no dia do jogo, eu fiquei sabendo que eu apitaria o jogo de manhã, no caso. O jogo era em Ipatinga, a gente tinha marcado de viajar de manhã, o jogo era a noite e, o rapaz que viria me buscar, que era o Nivaldo¹⁷, que iria ser o bandeira, me contou que o Carlos Henrique Costa tinha tido um estiramento na panturrilha e eu como árbitra reserva que iria atuar no jogo. Esse foi um fato assim, uma curiosidade da onde surgiu essa oportunidade. Infelizmente para ele, mas foi uma oportunidade que eu tive de mostrar meu trabalho.

I.M. - Teve algum jogo que marcou a sua carreira também?

C.D. - Eu acho que todos os jogos marcam, não é? Mas teve um jogo que a Federação teve todo o cuidado, que era um jogo Guarani e Mamoré. O Mamoré¹⁸ tinha que ganhar o jogo de qualquer jeito se não caía para a segundona¹⁹, não é? E o jogo na época foi no estádio do Guarani em Divinópolis. Foi um jogo de bastante atenção, muito disputado, foi o jogo mais difícil que eu apitei em termos de bastidores. Envolvendo isso rebaixamento e a imprensa toda comentando esse jogo, então foi um jogo que marcou sim.

I.M.- O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

C.D. - De positivo? Eu acho que tudo o que você se dedica, que vive intensamente é positivo, não é? E eu acho que a arbitragem na minha vida foi positiva, então em todos os aspectos, foi bom em tudo, em disciplina, na parte de cuidar do corpo, na parte de manter isso até hoje. Algumas amizades que ficaram assim, sabe? De pessoas, que ficaram depois da arbitragem, pessoas que eu tenho amizade.

I.M. - O que significava para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

C.D. - Ah significava um sonho, um sonho realizado, um sonho realizado.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Clube mineiro da cidade de Patos de Minas.

I.M. - Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

C.D. - Para a época em que eu fui árbitra, na época em que eu fui eu acho que fui o máximo que dava, o máximo que eu pude, não é? Se fosse hoje, hoje eu acho que seria tudo diferente, mas para a minha época eu acho que foi o suficiente, o dava para fazer era aquilo. A gente não tinha mais apoio para ir mais longe, entendeu? Eu não tinha...o que fiz foi mais, igual eu te falei, por insistência mesmo, por gostar tanto, não é? Eu insisti demais e consegui chegar aonde eu cheguei.

I.M. - Cássia, como é que foi apitar jogos da série B do Campeonato Brasileiro que a gente sabe que é um campeonato importantíssimo?

C.D. - Série B, não é? Foi muito bom assim. Quando você vai para um jogo importante igual são os jogos, os jogos da série B são jogos mais pegados, mais difíceis, os times se igualam tecnicamente, não tem muita diferença entre os times, então você fica super feliz de estar escalada, você vai para fazer o melhor, não é? Para fazer o melhor. Então eu fiquei muito feliz de ter participado dos jogos da série B.

I.M. - Como era a experiência de entrar em um estádio lotado, apitar um jogo em um estádio cheio?

C.D. - Na realidade eu muito poucas vezes eu ficava olhando demais para a arquibancada, eu não gostava muito de ficar olhando muito para a arquibancada não, eu sempre me concentrava no jogo, sabe? Eu não gostava de ficar olhando muito torcida, às vezes depois que tinha na imprensa alguma coisa aí eu olhava, mas quando eu estava no campo eu focava demais, eu não gostava muito de desviar a atenção assim não. A gente tem que ter uma estrutura muito boa, não é? para não se perder, mas exatamente por isso, eu não gostava muito não, eu gostava de ficar concentrada mesmo.

I.M. - Como era o dia do jogo para você, como era a sua rotina?

¹⁹ Nome popular dado à Segunda Divisão do Campeonato Mineiro de futebol.

C.D. - Quando os jogos eram fora, tinham as viagens, não é? Normal. A gente já saía com os três que iriam trabalhar junto. Um dia assim, de expectativa, não é? De voltar e de chegar, de ir lá no campo e fazer um bom trabalho. A gente concentrava, conversava muito para que tudo corresse bem.

I.M. - Você chegou a trabalhar em jogos de futebol feminino?

C.D. - Fiz. Trabalhei em Taça Brasil de Futebol Feminino.

I.M. - Como foi esta experiência?

C.D. - O futebol feminino é um futebol mais lento, tecnicamente ele é um pouco, um pouco...não desenvolve muito, não é? Apesar de ter grandes jogadoras no futebol feminino, mas tecnicamente era muito desigual. Às vezes tinha um time que era muito bom e um time muito fraco, não é? Então eram os jogos em que a gente tinha que ter mais atenção, porque no futebol feminino é mais fácil você errar, entendeu? de você perder a concentração por ser mais lento, tecnicamente mais fraco.

I.M. - Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

C.D. - Olha, infelizmente nessa época em que eu apitei foi a época que a Sílvia Regina²⁰ também apitou, ela começou muito bem depois ela começou a ter alguns erros. Então isso que aconteceu, esses erros, de repente era, como é que eu vou te dizer, era como se a gente fosse uma só. Se uma errou é como se todas fossem errar, entendeu? Tinha bem esse preconceito assim, então foi uma época em relação a isso...o torcedor principalmente fala muito. Mas eu, graças a Deus nos meus jogos assim, eu não tive muito disso não. Eu acho que sempre fui bem nos jogos então se houve alguma dúvida no começo eu acho que graças a Deus no final dos jogos não existiam mais. Porque nos meus jogos a arbitragem ia tudo bem.

I.M. - Você chegou a apitar partidas com outras árbitras?

C.D. - Só no futebol feminino, que era trio feminino. Eu cheguei a fazer um série B em Ituiutaba, foi um trio feminino, Ituiutaba contra o Vila Nova, na série, não sei se era série B ou série C, não lembro, mas eu acho que era série B e trabalhou um quarteto feminino. Todas da Federação, era eu, a Angela²¹, a Cíntia²² e a Ana²³ como árbitra reserva, jogo da CBF.

I.M. - A Ana que você fala, era da Federação Mineira?

C.D. - Isso. A Ana Cecília era e era da CBF também. As quatro eram da CBF, não é? Era um jogo da CBF. Eu acho que era um jogo da série B mesmo se eu não me engano, Vila Nova e um time de Ituiutaba, que está me fugindo aqui o nome agora.

I.M. - Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

C.D. - Eu acho que agora, agora igual eu te falei, na minha época era bem difícil. Hoje eu acho que eles respeitam mais, não é? Que eles vêem que não é igual era antes, que todas são capazes, todas fazem as mesmas coisas que todos os árbitros fazem, se dedicam na parte física, se dedicam na parte técnica, não é? Eu acho que hoje é diferente, hoje eles respeitam mais, para falar de uma árbitra feminina, no caso, eu acho que hoje é difícil você dizer que ela não está preparada. E a dedicação hoje é maior ainda do que quando eu era árbitra, não é? Então hoje você vê muito poucos erros. Eles existem tanto no masculino quanto no feminino, eles existem, faz parte mesmo, são pouquíssimos erros, poucos erros mesmo que a gente vê.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

C.D. - Hoje não, eu acho que hoje não. Hoje eu acho que errou sendo mulher, sendo homem eles comentam do mesmo jeito. Agora igual eu te falei, antes, igual teve a Sílvia

²⁰ Sílvia Regina de Oliveira, árbitra de São Paulo.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ Nome sujeito a confirmação.

Regina, a Sílvia Regina errou no jogo do Atlético no Independência, não me lembro quem era o adversário do Atlético, ela teve 2 erros e ela foi muito criticada, não é? Duramente. Eu acho que nessa época se fosse um homem não teria tido a repercussão que teve, não teria acontecido o que aconteceu, não é? Então nessa época eu acho que sim, agora hoje não. Hoje eu acho que todos vêm a dedicação, a mesma dedicação dos homens, então eu acho que hoje é tudo mais tranqüilo.

I.M. - Como é (era) a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

C.D. - Era...segunda-feira a gente tinha reunião na Federação Mineira do jogo que deu no final no semana, terça-feira tinha física, 6 horas da manhã e na parte da noite era às 19 horas. Na quarta-feira a gente tinha reunião também, não é? a parte prática era no campo, a gente tinha alguns ensinamentos lá do preparador físico, de alguns árbitros, não é? postura de árbitro, postura de bandeira. Na quinta-feira tinha física de novo e na sexta-feira tinha reunião na Federação, para escala e algumas outras coisas. E no sábado quem tinha que viajar, viajava no sábado se o jogo fosse fora e se fosse aqui mesmo o jogo no domingo, aí já estava aqui em Belo Horizonte. Mas quem fosse viajar, viajava no sábado já.

I.M. - Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

C.D. - Eu acho que não tem diferença não. Eu acho que não tem diferença não. Eu acho que a pessoa tem que estar preparada psicologicamente, fisicamente, e entender as regras e tudo, que não existe diferença não.

I.M. - O que a sua geração de árbitras deixa (ou) para as gerações seguintes?

C.D. - Eu acho que o nosso ensinamento é nunca desistir. Eu acho que nós abrimos o caminho, que foi lapidado, que foi trabalhado, que agora a gente pode olhar que está de igual para igual, não é? Uma coisa sem preconceito, em todos os aspectos, de escalas, de reconhecimento, não é? Então eu acho que hoje o que a gente deixou foi isso. A gente começou e hoje a gente consegue ver a igualdade, não é? Igualdade.

I.M. - Quando você parou de arbitrar, por quê?

C.D. - Na época eu já estava com idade, eu acho que estava com 40, ia fazer 40 anos, já estava um pouco cansada já, já estava querendo parar, não é? E na época estavam entrando árbitros novos, árbitros novos, então o Lincoln, na época era o diretor, ele falou que iria dar oportunidade para novos árbitros e eu não queria ficar na Federação para trabalhar em futebol feminino, não desmerecendo o futebol feminino, porque para quem está trabalhando no profissional voltar em amador, voltar em categoria de base, eu acho que isso para quem está iniciando, para quem está procurando outra coisa. Eu acho que quando você vê que você chegar num lugar assim que você começar a não ter mais oportunidade para seguir para frente, para subir, que você vai começar a cair é melhor você parar, vamos dizer assim no auge, do que você trabalhar no amador. E na época foi isso que o Lincoln me falou, que ele iria dar oportunidade para novos árbitros e que provavelmente iria me tirar do quadro da CBF. Então aí eu resolvi parar no auge profissional.

I.M. - Como foi a decisão de parar de arbitrar, foi difícil?

C.D. - Não, não foi não. Eu achava que seria mais difícil, entendeu? que seria mais difícil. Mas foi tranquilo até. Eu não senti tanta falta da arbitragem profissional não. Foi bom enquanto durou e quando eu parei também foi bom também. Começou uma outra etapa na minha vida assim, que também foi boa também.

I.M. - Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de arbitrar?

CD: Assim, não foi difícil assim de parar. Igual eu te falei não foi difícil, foi mais de acostumar de sair de casa sábado e domingo, porque a gente fica muito acostumado assim e às vezes você sente falta assim, do futebol. Não assim de estar apitando, do meu lado foi assim de gostar muito de estar no meio que eu senti mais falta no começo, do que exatamente estar apitando assim.

I.M. - O que mudou em sua vida depois de ter parado de arbitrar?

C.D. - Mudou, você sai de um ciclo de amizade, de pessoas, não é? Não vou falar amizade não que eu tenho amigos ainda, os que ficaram. Você sai de um ciclo assim de pessoas que você conviveu há muito anos, não é? Mas é natural, muito natural.

I.M. - Qual foi o principal legado que a arbitragem deixou para a sua vida?

C.D. - Ah, eu acho que de ter participado não é, do futebol. De uma coisa que você via só pela televisão ou de uma coisa que você via de longe, não é? Então, o sentimento de ter vivido coisas maravilhosas dentro do futebol.

I.M. - Eu queria voltar em uma questão, aquela que você falou do seu primeiro jogo na CBF, você foi avisada na manhã do dia do jogo que você que apitaria?

C.D. - Isso. Na hora em que a gente ia viajar, que eu fiquei sabendo que eu apitaria.

I.M. - Você estava na bandeira naquele jogo?

C.D. - Não. Eu estava de 4ª árbitra. Era Ipatinga e Vila Nova. Eu estava de 4ª árbitra, o árbitro teve uma contusão, ele fez física no dia antes do jogo. O jogo era na quarta-feira, a gente saíria bem cedinho, acho que umas 6 horas para Ipatinga, o jogo era a noite e o árbitro tinha machucado no dia anterior. Ele estava fazendo física e teve um estiramento na panturrilha. E aí como a escala era da CBF e eu já estava de 4ª árbitra, que assumiria o lugar de árbitra seria eu. Eu fiquei sabendo na hora em que o árbitro assistente ia me buscar em casa para a gente viajar.

I.M. - E eles mandaram outro colega para ser o 4º árbitro?

C.D. - Isso. Aí colocaram outro para ser o 4º árbitro.

I.M. - Foi um jogo da série B, não é?

C.D. - Série B. Isso.

I.M. - E o seu primeiro jogo na Federação Mineira, no profissional, você lembra qual foi?

C.D. - Na Federação Mineira eu acho que foi um jogo do Social e, acho que foi Social e Araxá.

I.M. - Foi módulo I ou módulo II?

C.D. - Módulo II.

I.M. - Você estava escala com árbitros também ou foi um trio de árbitros?

C.D. - Não Eu estava com dois árbitros assistentes, era o Edgar Chaves e o Marco Antônio Gomes.

I.M. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

C.D. - Não. Eu acho que já falei tudo no momento assim.

[FINAL DA ENTREVISTA]